EDITORIAL

Distorções do ensino tecnológico

Em Portugal o ensino tecnológico superior foi desenvolvido nas cidades de Lisboa e Porto. Só há poucos anos se estendeu a Coimbra e outras regiões, como Aveiro, Évora e Açores, nas quais têm vindo a participar preponderantemente docentes formados pelas experiências de Angola e Moçambique.

Desencadeou-se, porém o processo de regionalização do ensino superior, descentralizando alguns cursos para feudos dantes nunca imaginados. Os ânimos locais excitaram-se, e foram aprovadas propostas para criação de novas universidades, no Algarve, na Beira Interior e em Trás-os-Montes e Alto Douro.

Por simples extrapolação linear entendem-se as vozes de outras províncias (aí estão já Santarém e Viana do Castelo), pois o método eficaz de criar novas universidades (no papel) parece estar encontrado: basta pôr a questão na Assembleia da República e aguardar os aplausos unânimes dos interesses partidários, independentemente das lógicas da estatística, da economia e outras.

Só que entretanto (e muito tardiamente) se evoluiu para um ensino secundário integrado, fundindo os liceus com as escolas técnicas, o que veio acentuar a falha da formação profissional retrógrada que se vinha a praticar há décadas, que irá lesar o futuro desenvolvimento industrial e económico do país. Tanto mais que os institutos industriais, promovidos (em 1974) a escolas superiores, dando resposta a certas aspirações legítimas, não souberam ocupar o seu lugar.

A situação hoje apresenta-se clara, e preocupante: formam-se engenheiros, deste ou daquele grau; mas não há escolas de aprendizagem profissional, daquele ou deste grau.

Pior ainda: mesmo que se planifique rapidamente e se abstraia do hiato (inevitável) dos próximos anos não se vislumbra a necessária disponibilidade de mestres verdadeiros (apesar do desemprego e do subemprego de muitos licenciados), em quantidade minimamente suficiente à altura das agrestes circunstâncias em que terão de trabalhar (melhor diríamos professar).

Este pensamento exemplifica-se com propriedade através do que sucedeu nos bacharelatos em engenharia, cujos objectivos foram totalmente deturpados, por terem sido entregues a licenciados motivados por um critério leviano de «elevar o nível», a partir das sebentas folheadas na recente licenciatura (sabe Deus como) ou em consequência de uma frustração pseudo-doutoresca — de qualquer modo sem se ter vivido a autenticidade de uma política de ensino global, o que se compreende (e particularmente mal se aceita) no contexto geral do país.

Se as dificuldades das indústrias eram grandes quando havia cursos para montadores-electricistas, rádio-montadores ou semelhantes, visivelmente desadaptados da realidade tecnológica actual (e sobretudo do futuro) mas que permitiam a realização de empreendimentos industriais pelo menos com a cabeça erguida, o que será agora sem técnicos de construção electromecânica nem de electrónica industrial?

Há muito trabalho correctivo a fazer.

Todavia, quando ouvimos dizer que as escolas politécnicas projectadas, com cursos superiores de curta duração vocacionados para as respectivas regiões, terão de ser convertidas em escolas universitárias, para formação de mais licenciados, então inúmeras dúvidas nos assaltam, em turbilhão de difícil controlo.

De facto, enquanto a Europa procura alcançar uma relação entre números de engenheiros licenciados e técnicos sem esse grau superior da ordem de 1 para 3 (ou para 4, como nos E.U.A.) em Portugal essa razão está invertida, sendo de 1 para 0,7 no maior dos optimismos.

Em vez de se tentar corrigir esta distorção, que nos preserva inexoravelmente na cauda do progresso, prefere-se alimentar ilusões pseudo-culturais, ignorando que a verdadeira nobreza de ser profissional provém da dignidade do respectivo trabalho, que se pratica sem valorações de grau mas com humanidade e competência.

Na verdade como Homem não nos distinguimos entre ser serralheiro mecânico ou doutor em energia, desde que a escola de serralharia seja digna, isto é, bem apetrechada em equipamentos e com pessoal competente e idóneo. Tudo se resume a domínios diversos de trabalho, ainda que integrados no mesmo projecto cultural. Ao contrário, neste país debilitado financeiramente, prometem-se rótulos de universidade a escolas que nunca poderão passar de conteúdos médios.

Até uma reforma global do ensino — autêntica.

Hermínio Duarte-Ramos